

FELICES VIVAS,
&
DITOSOS PARABENS,

COM QUE O AFFECTO LUSITANO
APPLAUDE A FELICISSIMA VINDA
DA SERENISSIMA RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIANNA
DE AUSTRIA.

DIRIGIDA

A'O EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DE SANTA CRUS,

Do Conselho de S. Magestade, & seu Mordomo Mór,

AUTOR

Fr. ANTONIO DE SANTO CAETANO,

Da Ordem dos Conigos Regulares, natural de Santarem.



LISBOA.

Na Officina de MANOEL, & JOSEPH LOPES FERREYRA,

M. DCC.VIII.

Com todas as licenças necessarias.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.



Ntre as varias demonstrações do gosto, cõ q̃ toda esta Corte festejou a felicissima vinda da Serenissima Rainha nossa Senhora, me veyo a mão' esta, para que o prelo a fizesse gloriosamente cõmunicar por todos os que a souberam applaudir;

E porque vossa Excellencia nesta parte podia repartir usandades ao mayor obsequio, me animey a dedicarlhe o presente Poema, para que com o esclarecido nome de vossa Excellencia tivesse mais de que gloriarse a estampa. Sirva-se vossa Excellencia de desculpar este meu atrevimento, que com ambições de luzir busca amparo nos rayos de tão Augusto Sol. A pessoa de vossa Excellencia guarde Deos. Lisboa 28. de Novembro 1708.

O menor dos criados de V. Excellencia

Joseph Lopes Ferreyra.

SYLVA ENCOMIASTICA.

Agora que he chegado ò Lísia minha,
Aquelle dia hà tanto desejado
De chegarmos a ver já venturosa
No vago Solio de esplendor dourado
A Augusta flor, a lucida Rainha;
E a penna mais saudosa,
Do que esperou cansada,
Nova gala vay dando a seus suspiros,
Porque horrores vestio de fatigada.

Agora que he chegada
A Estrella mais luzente,
Gentil assombro ao diafano Tridente,
E os doze Signos já que o Sol passeia
(Porque da gloria mais te certefiques)
Lhe déraõ salva em placidos repiques,
E esse da vaga Eolica campanha
Soberbo monstro reprimio adusto
As forças, q̃ a Neptuno horror meteraõ,
E Adiana na montanha
Déraõ medo, terror, assombro, & susto.

Agora que do Tejo as Nynfas bellas
Cada qual reconhece por mais dita
Que a sua idolatria nas estrellas
Nesta Estrella Imperial mais se acredita,
Porque a essa de Venus fabulosa
Sabem melhor vencer por mais fermosa.

Agora que nos ares remontada
A Aguia Augusta vem com doce anelo
Buscando com desvelo
Sem padecer desmayos
do seu Febo melhor o exame aos rayos,
E em seus claros fulgores
Por paga o Sol lhe dá brandos amores,

Porq' vé muyto bem, como eu bem vejo,
Que vem voando em azas do desejo.
Agora que se vé já transplantada
No Jardim Lusitano a melhor Rosa,
Animada delicia,
Porque he já entre as flores coroada,
Porque he já nas estrellas majestosa,
E com graça ditosa
Rainha venerada, & conhecida
Da Lusa gente, & monstro furibundo
Nos divididos ambitos do Mundo,
E respeytada finalmente adonde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.
Agora que a ventura
Quando glorias desdenha,
Sabe mostrar que as ditas nos procura,
Quanto a nossos affectos desempenha.
Agora que da penha
Aliquida corrente defatada
Das flores busca a nitida morada,
Paraque nas delicias que venera,
Tenha mais que jactarse a Primavera.
Agora pois que o Sol, dourando montes,
Nos mostra de seus rayos a luz pura,
E tudo alegre toma novo alento,
Bordando-se de aljofar a verdura,
E a terra neste extrinseco ornamento
Dá flores cento a cento,
E no numero excede as pedras finas,
Quantas Flora no seu camarim bello
Com galhardo primor, gentil desvelo
Ostenta sempre candidas boninas:
Porque este novo Astro que hoje brilha,
Por altá maravilha
Com rayos excellenres

Cria diamantes, & rubins ardentes
No peyto Lusitano,
Dos corações senhora, Astro do anno.
Agora felismente
Que em discretas Canções a Lusa gente
Tanta alegria entoa
Nas perennes delicias de Lisboa,
(Ditofo mappa a donde
Todo o Mundo se esconde)
Por verem já comprida, & ja chegada
A gloria, que esperava o Reyno todo,
Da Flor Augusta a mais ditosa entrada.

Agora que em triunfantes obeliscos,
Em Arcos numerosos,
Em Porticos famosos
(A que Apelles cansára nos seus riscos)
Em jardins superiores,
Que as flores chãmas são, rayos as flores,
Ignifera delicia de Vulcano,
Que em competencia dos da Deosa Flora
Fez alcáçar da chamma abrazadora
Jardineyros Cyclopes,
Que expertos ramalhetes
Hão de espalhar em trajes de foguetes,
Paraque temerosa a altiva Esfera
Sayba hum dia assustarse a Primavera,
E por flor mais gentil só reconheça
Esta, que suspirada do desejo
He nas prayas do Tejo
Adorada columna
Dos iniquos combates da fortuna.
Agora que de Tauro o Signo armado
Na Praça embravecido
Se vé rayvando por se ver corrido,
Se vé mordendo por se ver prostrado,

E o lifongeyro agrado
De tanta bisarria
Vivas estampa no papel do dia,
Cujo clamor das vozes successivas
Em confusão do ar tudo são vivas.
Agora que os Bayxeis, aves nadantes
Entre os crystaes se arrulhaõ,
E quaes Cysnes nas ondas se margulhaõ,
Mostrando em seus clarins q' ao ar soccorê
Que haõde cantar porq' de gofsto morrem
No coro que os dilata,
Esfera undosa reprimida em prata.
Agora finalmente em que a harmonia
De prafer resuscita cada dia,
Por cada rua em lucidas florestas
Na gentil confusão de tantas festas,
E que os doces clarins vaõ pelos ares,
Repetindo seus vivas a milhares,
E por toda a Europa só se escutaõ
Os vivas que tributaõ
No Palacio, na Corte, na Cidade,
Com discreta igualdade
Nas Aldeas, & montes
Nos jardins, & nas fontes,
E finalmente em toda a Lusitania
Mil vezes viva a Augusta Marianna.
Vós tambem Musa minha,
Porque do voffo ardor se participe,
Naõ quero que esgotteis toda a Aganipe;
(Porque voffas irmãs vaõ beber todas
sobre o doce licor de tantas bodas,
E como nesta acção o ardor espanta,
Receyo que a agoa falte em cede tanta
Se o Pegafo, que o sacro monte habita,
A terra naõ palpita,

E do centro desfata
Licor divino pela ferrea pata.)
Mas quero que hoje deis em breve summa
A tantas Magestades desta gloria
Os vivos parabens, que devem dar-se,
Para que quem vos vé nunca presuma
Que souberam passarvos da memoria,
E á omissão não puderam desculpar-se,
Sendo para os empregos generosos
Os assumptos mais dignos mais ditosos.
Disse, & affustada a Musa,
No politico enlevo bem confusa,
Indecisa ficou no que diria
Sobre o felice bem de tão bom dia,
Mas como he do discurso abono digno
Sujeytar-se esta ves ao desatino,
Inda que delirante, reverente,
Tremula a voz, a lingua balbuciente,
Como pode ajudalla o fusto forte,
O parabem que deu, foy desta forte,
Sejais bem vinda, Augusta maravilha,
De tanto Sceptro Irmã, Senhora, & Filha,
Ao vosso Portugal, ao solio vosso,
Que com tanta faudade
Já não sabia o dia,
Já não sabia a hora,
Em que havia de ter tanta alegria,
Que havia de gozar de tanta Aurora,
Parabem seja agora
Gloria tão infinita,
Que a lingua assombra, q' o discurso eleva,
Mas já que os parabens o Ceo nos dita,
O mesmo Ceo as ditas vos escreva.
Parabem seja Regia Magestade,
A alta felicidade,

O animo

O Reino constante ;
 Com que nessa gentil concha nadante
 Chegastes a furcar a tantos mares,
 Pudestes resistir a tantos ventos
 Sem de Eolo temer os impios ares,
 Sem de Neptuno os rispídos alentos,
 Té que (dessa Germania conduzida
 Perola esclarecida)
 Chegastes a esta praya Lusitana
 Para honrar soberana
 As ditosas areas,
 Que com gentil primor toda Lisboa
 De cada graõ quizera
 Com vontade suprema
 Fazervos hum diadema,
 Formavos sempre hũa immortal coroa.
 Seja-vos parabem o Regio Esposo,
 Mais sabio, mais gentil, mais excellente,
 Que em solio luminoso
 Sceptro occupou da mais estranha gente,
 Digno de vós, & vós não menos digna
 Da influencia Divina,
 Que em seu candido peyto
 Soube inspirarlhe o inclyto respeyto
 Para ter nos dominios
 Do Lusitano Estado
 Ditosa adoração, perpetuo agrado.
 Logray, Senhora Augusta,
 Da vossa idade, & regia Primavera
 Quanto dura o esplendor da quarta Esfera
 Numerado sem susto, & sem desmayo
 Na efficacia gentil de cada rayo,
 E sobre de Cupido
 Os lucidos fulgores,
 Cujo dictame em vós se attende unido,

Inspire alegre a Deosa dos amores,
Paraque em ambos todo o Mundo veja
Por alta Magestade
Muytas vontades numa só vontade,
Muytos desejos num perpetuo laço.
Succéssão generosa
O Ceo vós dé com forte tão ditosa,
Que nos partos fecundos,
Se mais Reynos houver, se houver mais Múdos;
A seu dominio sejam
Nas mantilhas de seus dourados leytos
Esferas curtas, ambitos estreytos,
E cada hum se veja
(contra as tyrannas leis da dura Parca)
De quanto gyra o Sol Regio Monarca.
Com ditosa fadiga
As Nynfas desse Imperio Neptunino
Vos estaõ preparando sem desdouro
Hum Sceptro crystallino
Com guarnições de prata, esmaltes de ouro,
De flores hum thesouro,
Inda que eu muy bem sey, bem confidero
Que saõ offertas muyto graciosas
Ouro, prata, diamantes, cravos, rosas.
Vede Senhora ao Ceo por vosso agrado
Quando sabe applaudir ditas tão bellas,
Em rocieler banhado,
Rayando luzes, rubricando estrellas,
Empenhar seu favor a vosso estado.
Vede esse prado ameno
A' vossa vista feyto hum Ceo terreno,
Os passaros, as Nynfas, brutos, flores,
Cantar vossos louvores,
Repetindo nos ares
Com clarins a milhares:

Viva

Viva immortal a Augusta, & soberana
Ditosa Marianna,
E em quanto a voz da fama se não priva,
Viva felice, & eternamente viva.
Vivey pois prodigiosa idolatria,
Dos nossos corações, do affecto nosso,
Para gloria da Lus a Monarquia;
Igual a vossa dita ao nome vosso,
E quanto o nosso amor por vós deseja,
Sem limites em vós o Mundo o veja.
Vivey flor deste Alcaçar soberano
Inveja do Romano,
Gloria da eternidade,
De cuja sempre Augusta Magestade
Vendo-se descendente
Ficará satisfeyto
Cesar, & o Deos, que vibra fogo ardente,
Aquem multiplicando preminencias,
Podereis numerar em descendencias
Por entre as Monarquias mais supremas
Mais purpuras, mais sceptros, mais diademas,
Que estrellas ha no Ceo, no Sol fulgores,
No mar areias, no campo flores.
E vós ó soberana Magestade
Monarca Augusto, Sol esclarecido,
Lusitano esplendor da nossa idade,
Do nosso amor emprego renacido,
Vivey, vivey contente,
Temido, & florecente,
Fortunado, & glorioso,
Alegre, & triunfante,
Porque sempre sejais nessa coroa
Felice enveja do Africano Atlante
Prodigio ao Mundo, gloria de Lisboa.
Alargue-se este Imperio Lusitano

Desde

Desde as louras areas
Das Occiduas regiões às Nabatheas,
Paraque pise a Lisia gente altiva
Quanto o Fenicio indomito cultiva,
Em cujo senhorio
Com valeroso brio
Obre tanta proeza
A gente Portuguesa,
Que a vil inimidade fique absorta,
E a mais breve pareça
Sonho da Aqurontea eburnea porta.
Agora pois que à gente Lusitana
Valor influe a Augusta Marianna,
Alvorocem-se à trombeta exercitada
Os Ginetes, q em Lisia gera o vento,
O rumor soe do estrondoso parche,
E alegre a seu compasso ao campo marche,
Bebendo inspirações de tanto alento,
Cingindo Marte o ferro furibundo
Entre golfos de incendio abrazadores
Faça parar o Sol, tremer o Mundo:
Porque todos se vejam confundindo
O Turco, o Mouro, o Gallo, o Persa, o Indo,
E todos respeytando vossos rayos
Construam desalentos com desmayos.
E vós, ò Lufinania celebrada,
Pois lograis tanta gloria inexcédida
Na felice chegada
Destá Flor, desta Estrella esclarecida,
De tanta dita a pompa dilatada,
Viva em vossa grandesa
Firme a famada gente Portuguesa:
Espalhem-se de vós as alegrias
De tão ditosos dias,
Veja a gente remota em doce enleio

De quantas maravilhas está cheyo
O Reyno, que Deos guarda por mysterio
Para ser fundamento a novo Imperio.
Publique-se este applauso generoso
De donde o Sol fermoso
Em berço crystallino
Nasce a luzir Infante
Té donde se sepulta
Em tumulos de liquido diamante,
E escreva vosso amor a vossa gloria
Nas laminas eternas da memoria,
Porque assim felismente successiva
A causa della nas memorias viva,
Viva, viva.

F I M.

